

ITAIPU BINACIONAL E A EXPERIÊNCIA FRONTEIRIÇA NA TRÍPLICE FRONTEIRA (ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI)

Micael Alvino da Silva¹

Resumo:

Desde o final do século XIX a Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai tem sido alvo de iniciativas para a promoção do desenvolvimento regional. O objetivo desse texto é analisar a experiência fronteiriça decorrente da estratégia brasileiro-paraguaia de construir uma usina e gerar energia hidrelétrica. Responsável por um *boom* populacional, por construir novos espaços públicos, a Itaipu Binacional também proporcionou uma experiência fronteiriça única na América do Sul. Em caráter ensaístico e não exaustivo, meu objetivo com esse texto é analisar essa experiência fronteiriça que teve início na década de 1970 com a construção da usina e deixou um legado permanente de aproximação social entre brasileiros e paraguaios no território da Tríplice Fronteira.

Palavras-chave: desenvolvimento regional, Tríplice Fronteira, Itaipu Binacional

ITAIPU BINACIONAL Y LA EXPERIENCIA FRONTERIZA EN LA TRIPLE FRONTERA (ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAY)

Resumen:

Desde finales del siglo XIX, la Triple Frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay ha sido objeto de iniciativas para promover el desarrollo regional. El objetivo de este texto es analizar la experiencia fronteriza resultante de la estrategia brasileño-paraguaya de construir una planta y generar energía hidroeléctrica. Responsable por un *boom* poblacional, de la construcción de nuevos espacios públicos, Itaipú Binacional también brindó una experiencia fronteriza única en América del Sur. De manera ensayística y no exhaustiva, mi objetivo con este texto es analizar esta experiencia fronteriza que comenzó en la década de 1970 con la construcción de la planta y dejó un legado permanente de acercamiento social entre brasileños y paraguayos en el territorio de la Triple Frontera.

Palabras clave: desarrollo regional, Triple Frontera, Itaipú Binacional

Introdução

A Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai é um *locus* privilegiado para o estudo das estratégias de desenvolvimento regional. Desde a consolidação dos Estados Nacionais, mais especificamente após a Guerra da Tríplice Aliança (1870), aquela fronteira tornou-se alvo dos governos argentino e brasileiro. No final do século XIX, especialmente por conta da área em torno das Cataratas do Iguaçu, agentes históricos a serviço da Argentina comandaram expedições e fizeram planos estratégicos para ocupação do território e exploração do potencial turístico regional (PEYRET, 1889) (BALSADÚA, 1901). Do lado brasileiro, iniciaram-se os planos para um parque nacional com objetivos de demarcar a

¹ Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Adjunto na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento (PPGPPD). ORCID: 0000-0001-5113-5106, micael.silva@unila.edu.br

presença do Brasil e, ao mesmo tempo, promover a preservação ambiental (REBOUÇAS, 1898).

A atenção do governo federal brasileiro à sua parte da Tríplice Fronteira a tornou um espaço historicamente diferente de todo o oeste do Paraná. Enquanto o restante do oeste e sudoeste Estado paranaense possui uma narrativa histórica baseada na expansão agrícola e populacional vinda do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em Foz do Iguazu – a cidade fronteiriça – passaram a coexistir as estratégias de desenvolvimento regional fomentadas pelo governo federal. Para as finalidades desse ensaio, importa-nos quatro dessas estratégias: a primeira foi a implantação da Colônia Militar, em 1889; a segunda foi a criação do Parque Nacional do Iguazu, em 1939; a terceira foi a rota Assunção-Paranaguá, iniciada com o depósito franco ao Paraguai no Porto de Santos, 1943; e a quarta a decisão de construir a usina Itaipu Binacional, cujo tratado foi assinado em 1973.

Todas essas estratégias de desenvolvimento regional mencionadas possuem em comum o fato de terem sido implementadas do lado brasileiro da Tríplice Fronteira. Ainda que cada qual mereça uma análise específica, para os fins desse ensaio abordarei a estratégia binacional brasileiro-paraguaia que recentemente completou cinquenta anos. Itaipu Binacional, ao lado do comércio em *Ciudad del Este* (Paraguai), é uma das chaves para se compreender a Tríplice Fronteira contemporânea. Responsável por um *boom* populacional, por construir novos espaços públicos, a Itaipu também proporcionou uma experiência fronteiriça única na América do Sul. Em caráter ensaístico e não exaustivo, meu objetivo com esse texto é analisar essa experiência fronteiriça que teve início na década de 1970 com a construção da usina e deixou um legado permanente de aproximação social entre brasileiros e paraguaios no território da Tríplice Fronteira.

Itaipu e experiência fronteiriça

O projeto da usina de Itaipu representa o maior empreendimento do contexto da aproximação contemporânea entre o Brasil e o Paraguai, que teve início na década de 1940 e foi iniciada pela busca de entendimento em prol de uma saída terrestre do Paraguai para o Oceano Atlântico. Como resultado, o Brasil concedeu um Depósito Franco ao Paraguai no Porto de Santos (1941) e em Paranaguá (1955). Contudo, faltava o básico: estradas e pontes que conectassem a capital do Paraguai ao litoral do Brasil. Um marco importante nesse contexto foi a conclusão da Ponte da Amizade, em 1965.

A abertura da rota terrestre foi fundamental para que o pêndulo da política externa do Paraguai pendesse mais para o Brasil do que para a Argentina (YEGROS e BREZZO, 2013, p. 159). Tanto a rota Paraguai-Paraná (Assunção-Paranaguá), simbolizada pela conclusão da Ponte da Amizade, quanto a Itaipu Binacional foram macroprojetos de integração no contexto das relações sul-americanas contemporâneas. Em comum, a ponte e a usina integram o mesmo espaço chamado de Tríplice Fronteira.

Em um pequeno raio de cerca de 12 quilômetros a partir da Ponte da Amizade, encontra-se a confluência entre Argentina, Brasil e Paraguai, a Itaipu Binacional e as principais atividades econômicas da região (SILVA e CASTRO, 2021, p. 13). As cidades fronteiriças de Porto Iguazu (Argentina) e Foz do Iguazu (Brasil) compartilham principalmente o turismo (Cataratas do Iguazu), enquanto Foz do Iguazu e a Região

Metropolitana de Ciudad del Este (Paraguai) compartilham comércio, serviços e a geração de energia elétrica.

Passados cinquenta anos da assinatura do Tratado de 1973, quero chamar a atenção para um aspecto histórico: a formação de uma nova experiência fronteiriça promovida pela construção da usina, com reflexos no passado, no presente e no futuro. Chamo de experiência nova porque o Brasil e seus vizinhos da América do Sul mantém relações fronteiriças pelo menos desde as independências. Mas, foi a partir de 1973 que uma obra de grandes proporções foi capaz de mobilizar um grande contingente de migrantes para um ponto de fronteira específico. Mais do que isso, erguia-se um edifício em sociedade com o país vizinho a partir do paradigma da integração física e energética.

Um exemplo oposto à essa integração pode ser buscado na própria região da Tríplice Fronteira. Na década de 1930, dois parques nacionais foram criados de lado cada lado da fronteira Brasil-Argentina, em torno das Cataratas do Iguazu. Aquelas iniciativas baseadas na afirmação das fronteiras nacionais não consideravam a integração, ainda que o objetivo de preservação ambiental e desenvolvimento regional fosse comum em ambos os lados da fronteira. Para ficar em um exemplo do distanciamento desses projetos, os diretores dos parques nacionais teriam a primeira reunião conjunta duas décadas depois da criação das instituições (FREITAS, 2021).

Apesar do caráter nacional e do desenvolvimento regional que os parques trouxeram à região, nada pode ser comparado à capacidade de atrair pessoas da Itaipu Binacional. Quando o Parque Nacional do Iguazu foi construído, uma vila de 18 casas foi necessária para abrigar os funcionários públicos que viriam para Foz do Iguazu (MURGEL, 1945). A iniciativa de Itaipu contou com a construção de 9515 casas e com uma novidade importante: dos dois lados da fronteira (VICTAL e SOUZA, 2011, p. 83).

Portanto, a Itaipu foi capaz de atrair novas pessoas (migração e imigração), construir novos espaços (11 vilas residenciais) e proporcionar uma nova experiência fronteiriça (SILVA, 2022). Para se ter uma ideia de dimensão, Foz do Iguazu era uma cidade de 28 mil habitantes em 1960 (IBGE, 1960, p. 82). No final de 1970, somente a Itaipu demandava 40 mil trabalhadores na construção da obra. Para abrigar parte dessa demanda, 5.226 casas foram construídas do lado brasileiro e 4.289 do lado paraguaio (VICTAL e SOUZA, 2011, p. 83).

No aspecto físico, do lado paraguaio e brasileiro da fronteira, as áreas e vilas residenciais de Itaipu formavam uma espécie de cidades gêmeas conectadas pela Ponte da Amizade. Nessa continuidade transfronteiriça, a percepção dos limites nacionais foi diminuída e a fronteira passou a fazer parte do cotidiano de milhares de trabalhadores. O resultado foi a formação de uma sociedade fronteiriça em torno da construção da usina. Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, durante o “pico da obra”, centenas de brasileiros ocuparam as vilas do lado paraguaio da fronteira provisoriamente. Estar do outro lado, conhecer e trabalhar com outras pessoas levou paraguaios e brasileiros ao convívio diário por conta da construção da usina.

Além dessa experiência fronteiriça em grande escala, o encontro de cidadãos brasileiros e paraguaios para a construção de uma obra que impactaria nas futuras gerações é particularmente relevante. Um século antes dessa nova experiência fronteiriça na Tríplice Fronteira, a Argentina, o Brasil e o Uruguai estavam em guerra contra o Paraguai em um dos conflitos mais sangrentos da história da América do Sul. A Guerra da Tríplice Aliança (1865-

1870) trouxe prejuízos avassaladores ao Paraguai e terminou na ocupação brasileira de Assunção (FERREIRA, LOUREIRO e ARIAS NETO, 2021).

Evidentemente que a convivência proporcionada pela construção de Itaipu não apagou a pesada memória do conflito, que é especialmente forte no Paraguai. Mas, aproximação foi importante para o conhecimento mútuo dos cidadãos nacionais sob a política de aproximação entre o Brasil e o Paraguai. Nesse sentido, a geração dos filhos e netos de “barrageiros” brasileiros e paraguaios podem ensinar sobre convivência com o outro fronteiro não porque teorizou, mas porque experimentou o processo integrador na prática. Para aqueles que construíram Itaipu há quase meio século, a fronteira para não era sinônimo de separação, mas de aproximação entre dois territórios e dois povos.

Considerações finais

As famílias que chegavam ao Brasil ou ao Paraguai para trabalhar na construção Itaipu não filosofavam sobre integração ou aproximação entre povos da América do Sul. Eles faziam parte de um processo de integração social promovido pela necessidade de construir a usina. Não estudavam integração, mas faziam integração. Reservadas as diferenças, o caso das crianças brasileiras que compartilhavam o espaço escolar com as crianças paraguaias lembra o que ocorreu nos primórdios da União Europeia. O primeiro passo da integração social na Europa também começou com crianças francesas compartilhando o espaço escolar com crianças alemãs. Como resultado, essas experiências contribuíram para conhecimento, respeito mútuo e relações sociais cada vez mais estreitas entre brasileiros e paraguaios.

Esse aspecto que destaquei da nova experiência fronteira é apenas uma parte da história da mais importante fronteira da América do Sul e de uma das fronteiras mais dinâmicas da América Latina (BLANC e FREITAS, 2018, p. 6). Para os fins deste ensaio, reforço que a evidência para meu argumento da formação de uma nova mentalidade fronteira de integração regional a partir da Itaipu reside principalmente na memória dos construtores da usina. Chamados de barrageiros, é comum encontrar septuagenários nos espaços sociais dos bairros residenciais construídos por Itaipu na década de 1970. Essas pessoas, seus filhos e seus netos entendem a fronteira, especialmente a Tríplice Fronteira, como um lugar de encontro e não de separação entre o Brasil e o Paraguai. Esse foi um dos resultados produzidos depois que os Estados brasileiro e paraguaio decidiram seguir adiante com uma estratégia binacional de desenvolvimento regional.

Referências

- BALSADÚA, F. D. **Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones**. La Plata: Instituto Geográfico Argentino, 1901.
- BLANC, J.; FREITAS, F. **Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay**. Chicago: University of Arizona Press, 2018.
- FERREIRA, L. D. C.; LOUREIRO, M. J. G.; ARIAS NETO, J. M. **O Legado de Marte: Olhares Múltiplos sobre a Guerra do Paraguai**. Curitiba: Appris, 2021.

FREITAS, F. **Nationalizing Nature: Iguazu Falls and National Parks at the Brazil-Argentina Border.** Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

IBGE. **Censo Demográfico de 1960:** Paraná. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1960.

MURGEL, A. **Parques Nacionais.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

PEYRET, A. **Una visita a las colonias de la Republica Argentina.** Buenos Aires: Imprenta Tribuna Nacional, 1889.

REBOUÇAS, A. Excursão ao Saldo da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba - Notas e Considerações de André Rebouças [1876]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, jan. 1898. 65-87.

SILVA, M. A. **Breve História da Tríplice Fronteira.** Foz do Iguaçu: 100Fronteiras, 2022.

SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. **Além dos limites: a Tríplice Fronteira nas Relações Internacionais Contemporâneas.** São Paulo: Alameda, 2021.

VICTAL, J.; SOUZA, A. A. D. A urbanização de fronteira e as relações latino-americanas: Estudo de Caso das Vilas de Itaipu. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, 13, n. 1, 2011. 75-89.

YEGROS, R. S.; BREZZO, L. M. **História das Relações Internacionais do Paraguai.** Brasília: FUNAG, 2013.